

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS DE
LINGUAGENS

BETINHA YADIRA AUGUSTO BIDEMY

ENTRE MEMÓRIAS, CONFISSÕES, SILÊNCIOS E FALARES: O DIA
EM QUE OUVI A *CONFISSÃO DA LEOA*

CAMPO GRANDE-MS
2019

BETINHA YADIRA AUGUSTO BIDEMY

**ENTRE MEMÓRIAS, CONFISSÕES, SILÊNCIOS E FALARES: O DIA
EM QUE OUVI A *CONFISSÃO DA LEOA***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Angela Maria Guida.

Área de Concentração: Teoria Literária e Estudos Comparados.

**CAMPO GRANDE-MS
2019**

BETINHA YADIRA AUGUSTO BIDEMY

**ENTRE MEMÓRIAS, CONFISSÕES, SILÊNCIOS E FALARES: O
DIA EM QUE OUVI A CONFISSÃO DA LEO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Faculdade de Artes, Letras, e Comunicação, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para a obtenção do grau de Mestre em Estudos de Linguagens.

Área de Concentração: Teoria literária e estudos comparados

Linha de Pesquisa: Literatura e memória cultural

Orientador: Prof.^a Dr.^a Angela Maria Guida

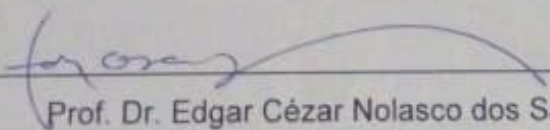
Campo Grande, MS, 8 de agosto de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA



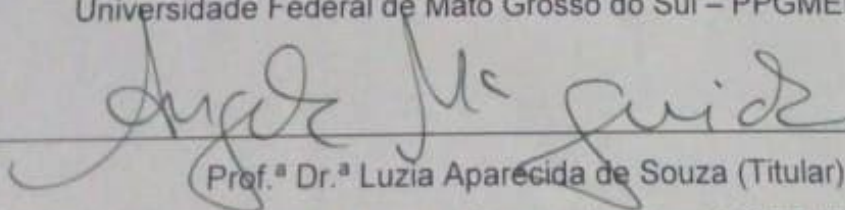
Prof.^a Dr.^a Angela Maria Guida (Orientadora/Presidente)

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)



Prof. Dr. Edgar Cézar Nolasco dos Santos (Titular)

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – PPGMEL– UFMS



Prof.^a Dr.^a Luzia Aparecida de Souza (Titular)

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – PPGEDUMAT – UFMS

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por tudo, sobretudo por sempre estar ao meu lado desde o primeiro momento. Minha gratidão a Ele pela força que me deu durante esses dois anos em que pude alcançar mais uma vitória tão desejada. Espero que nunca me falte vontade, força e persistência para lutar por aquilo que eu quero e paciência para esperar pelo que mereço. Meu muito obrigada a meu Todo- Poderoso.

Agradeço à minha orientadora Dr^a. Angela Maria Guida pela orientação, disposição e pelo o cuidado que teve comigo desde início do trabalho e até ao fim dele. Só tenho que agradecer a Deus por ter te colocado na minha vida, porque aprendi muito contigo durante essa caminhada. Admiro-a como orientadora, pessoa e como professora. Continue sendo essa mulher nota dez que encanta as pessoas com seu jeito espontâneo e alegre. Que Deus a abençoe hoje e sempre. Meu muito obrigada, professora Angela.

Agradeço à CAPES por fomentar a pesquisa.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (UFMS) por me proporcionar o estudo de qualidade.

Aos professores do Programa. Em especial ao professor Dr. Edgar César Nolasco pela arte de ensinar. Professor Nolasco, não teria como não o agradecer porque aprendi muito contigo tanto durante a graduação como no mestrado. Confesso que, na maioria das vezes, fiquei com medo do senhor, mas sei que conquistar algo não é fácil, pois exige empenho, determinação e força de vontade. Era isso que o professor exigia de mim e dos seus alunos. Hoje venci esse medo e me sinto mais forte e guerreira como uma leoa, por isso minha gratidão, admiração e meu respeito. Ao professor Rogério Ferreira pelo apoio e por me avisar sobre o edital da pós-graduação.

Aos meus familiares: Afonso, Augusto, Mario (pais); Nenia, Anésio, Heitor, Laira, Ronzir, Edmilson, Nadilé (irmãos); Cláudio Gabriel (filho); Adilson, Jorge, Samanta, Venilde (primos); Luther (sobrinho). Justina Pereira Gomes (madrinha), Domingos Gomes (padrinho). Pelo apoio que me deram durante esses dois anos de mestrado, gratidão a todos vocês.

À comunidade africana pela amizade e por fazerem parte da minha família.

Aos meus amigos: Nafisa Ibrahim, Idineiz Escobar, Angelina Malu, Laiza Montania, Lourdes Carbone, Ancel Quaresma, Eva Souza, Luisa Nhaga, Hiaosmin Vanderlei Tavares Costa, Arlete Felix, Amarildo Sampa, Maria Marta Barbosa, Clésio Lacerda, Rosalino Sanca, Francisco Correia. Sou grata pela amizade e por me aturarem durante esses dois anos. Sem esquecer do meu amigo e irmão Eduavison Pacheco pela amizade durante anos e por estar sempre quando preciso. Obrigado pelas dúvidas que me tirou, pelos textos que me emprestou durante esse trajeto e por formatar a minha dissertação. Muito obrigado, meu amigo.

DEDICATÓRIA AO MEU FILHO

Dedico esse trabalho ao meu filho, amigo e companheiro de todos os momentos Cláudio Gabriel Bidemy Casimiro Sa. Obrigado por estar comigo nessa caminhada desde o início até ao fim. Você é a pessoa mais importante da minha vida e não tinha como não dedicar esse trabalho a você porque mesmo cansado depois da aula, você vai comigo a tarde para a Universidade. Às vezes também vai comigo para as orientações ou para os estudos na biblioteca. Nesses dois anos, não foi fácil, às vezes, vejo cansaço em você porque sai da aula às 11 horas, almoça e já vai comigo para faculdade para retornarmos às 18 horas. Seu companheirismo foi tão bom e importante para mim, pois quando olho para você, sinto mais força de vontade para lutar por aquilo que quero e acredito. Você já sabe muito da dissertação da mamãe porque conhece o nome da minha orientadora – Angela Guida –, Mia Couto e também o famoso livro *Planetas sem boca*, de Hugo Achugar, que você tem medo por causa da imagem de capa. Espero que continue sendo esse filho maravilhoso e companheiro. Siga o caminho do saber, já que, como você mesmo diz, também almeja ser professor, posto que a educação é melhor arma que temos para mudar o mundo.

Da sua mãe que te ama muito, Betinha Yadira

HOMENAGEM A MINHA MÃE TOMÁCIA DA SILVA

Toma, como eu e meus irmãos te chamava. Hoje estou aqui para te homenagear por tudo que fez por mim e por meus irmãos até no dia em que foi morar com Deus. A senhora era uma mulher adorável por sua simplicidade, honestidade e por ser guerreira, companheira, mãe e amiga. Era mãe de todo

mundo porque preocupava com amigos e vizinhos etc. A senhora não media esforços para ver o bem do próximo e isso me fazia admirá-la ainda mais. Essa característica a senhora me deixou de herança. Eu e meus irmãos temos orgulho de sermos seus filhos. Essa homenagem se faz necessária porque sei da luta que a senhora fez para criar seus filhos.

Figura 1: Eu e minha mãe.



Fonte: Arquivo pessoal.

Lamentamos sua perda precoce, aos 46 anos, e também porque não pôde conhecer seus netos ou ver seus filhos formados e casados, como sempre sonhou. Minha rainha, eu sabia que eu tinha herdado sua generosidade, mas não sua força. Descobri essa herança quando a senhora se foi seis dias antes da minha formatura. No dia da minha colação de grau, eu disse para mim mesma que não ia chorar porque a data é especialmente dedicada à senhora. Ao receber o canudo, resolvi agradecê-la por tudo que tens feito por mim e, por último, dei o melhor sorriso como o seu, pois sei também que nesse dia e nessa hora, o céu ficou mais colorido com o seu sorriso lindo. Meu muito obrigada, Toma, por tudo. Eu e meus irmãos vamos continuar amando-a pelo resto das nossas vidas. Quando bater a saudade, vamos lembrar do teu sorriso lindo que encantava todos por onde passava. Descansa em paz, minha rainha.

Da sua filha Betinha Yadira Augusto Bidemy.

Dizem que sou romancista e que fui a primeira mulher moçambicana a escrever um romance (...), mas eu afirmo: sou contadora de estórias, estórias grandes e pequenas. Inspiro-me nos contos à volta da fogueira, minha primeira escola de arte. [...]
Contar uma história significa levar as mentes no voo da imaginação e trazê-las de volta ao mundo da reflexão.

Paulina Chiziane

É a lembrança. Minha esposa ainda se lembra de mim. É o esquecimento e não a morte que nos faz ficar fora da vida.

Mia Couto

RESUMO

Busco, com esta dissertação, um diálogo com a obra do escritor moçambicano Mia Couto – *A confissão da leoa* (2012). Para alcançar meu objetivo, tentei compreender algumas noções acerca da memória e de outros elementos que ela convoca, como o arquivo africano e o lugar duplamente colonizado da mulher africana dentro e fora das narrativas ficcionais, como as de Mia Couto. Minha hipótese de trabalho é a de que o tempo da memória é um tempo sem tempo ou mais que isso: um tempo que agrupa várias temporalidades, que vão desde um simples relógio até o tempo kairós, que acontece de forma individual e diferenciada para cada ser humano. Trouxe para esta conversa com a memória e sobre a memória as tradições orais, tão comuns na cultura africana, uma vez que o tempo na tradição oral alcança dimensões outras. Não pude me furtar a discutir também, aliada à memória, questões de colonização e descolonização femininas, afinal, Mia Couto inicia *A confissão da leoa* com a solene proclamação de que Deus já foi mulher um dia. Ao lado de Mia Couto, também conversei com a escritora guineense, Odete Semedo. Ainda convidei algumas pessoas outras tais como Maria Lugones, Jacques Derrida, Walter Dignolo, Francisco Ortega, Hugo Achugar e Edgar Nolasco para dialogarem comigo. Faço isso porque, no momento, creio que essas pessoas podem contribuir com minhas reflexões nessa roda de conversa sobre narrativas de mulheres e de memórias de mulheres.

Palavras-chave: Mia Couto; Memória; África; Decolonialidade feminina.

RESUMO NA LÍNGUA EM QUE ME SOUBE MULHER – GUINEENSE

Na busca intindi cu es tarbadju ntindi comberça di escritor di Moçambique ku tchoma Maia Couto “confison di leoa” di 2012. Pa ntchiga nha objetivo, ntenta ntindi mbocado sobre stória ku utrus kussas ki tchoma di, documentos africanos ku lugar subjetivamente di colonizadu i di mindjeris africanus dentru ku fora di conberças contadu na stória di fixon, suma di Mia Couto. Nha pensamentu di tarbadju i di kuma tempu i memória i um tempu sim tempu mas di ki es: tempu ku tadjunta mangas di manera separadu ku diferença pa kada pekadur. N’tissi pas es comberça ku lembrança sobri lembrança tradiçon ku ta contadu di boca pa boca, parcidus na cultura africanu, desdi ku tempu na tradiçon boca a boca pudi atingi utrus lugares. Nka pudi fassi um discutison, djuntadu ku memória, quistons di colonizaçon ku discolonizaçon di mindjeris, pabia, Mia Couto kunsa A confeson di loa ku celebra proclamaçon di kuma Deus tchiga di sedu dja mindjer um dia. Pertu di Mia Couto tambi n’faci um comberça ku escritor di Guiné-Bissau, Odete Semedo. Ntchoma tambi alguns djintis suma Maria Lugones, Jacques Derrida, Walter Mignolo, Francisco Ortega, Hugo Achugar ku Edgar Nolasco pa nô comberça. N’faci es pabia, di momentu, mpensa kuma es djintis pudi contribui na nha refleçons na es roda di comberça sobre açon de mindjeris ku stória di mindjeris.

Palabras-tchabi: Mia Couto; Stória, África, Discolonizaçon feminina.

RESUMEN

Com el presente trabajo de investigación, busco un diàlego con la obra del escritor de Mozambique Mia Couto- la confesi3n de la leona (2012). Para alcanzar mi objetivo, intento comprender algunas nociones acerca de la memoria y de otros elementos que evoca, como el archivo Africano y el lugar doblemente colonizado de la mujer africana dentro y fuera de las narrativas ficcionales, como las de Mia Couto. Mi hipotesis de trabajo es sobre el tempo de la mem3ria, es un tiempo sin tiempo o m3s que eso: un tempo que agrupa v3rias temporalidades, que van desde un simple reloj hasta el tiempo de kair3s, que acontece de forma individual y diferente en cada ser humano .Traigo para esta conversa la memoria y sobre la memoria las tradiciones orales, tan comunes en la cultura africana, una vez que el tiempo en la tradici3n oral alcanza otras dimensiones. No puedo oir y discutir tambi3n sobre la aliada a la memoria cuestiones de colonizaci3n y descolonizaci3n femininas, al final. Mia Couto inicia la confesi3n de la leona como la solemne proclamaci3n que Dios fue mujer algun d3a. Al lado de Mia Couto, tambi3n converso con la escritora guineense, Odete Semedo. Adem3s invito algunas personas, tales como: Maria Lugones Jacques Derrida, Walter Mignolo, Francisco Ortega, Hugo Achugar, Edgar Nolasco para que dialoguen conmigo. Hago esto porque en el momento, creo que estas personas pueden contribuir con mis reflexiones en estas conversaciones sobre las narrativas de mujeres y de memorias de mujeres.

Palabras claves: Mia Couto, Memoria, Africa, Descolonialidad femenina

E NO PRINCÍPIO ERA UM PROJETO...

“Tudu jiru ku bu jiru bu ka ta pila iagu.”

Dito guineense¹

O dito africano exposto na epígrafe é uma das várias expressões que eu ouvia dos mais velhos. O seu tom aparentemente engraçado, põe à prova a sapiência face ao absurdo, no entanto, faz emergir algumas memórias que trago da África. A produção de saberes, como exporei de forma mais abrangente em momento posterior, não se concentra apenas no pensamento cartesiano. Essa produção ocorre também em decorrência do uso dos corpos, como as famosas danças cuja música tem por base o som da tina, um instrumento de som grave e intenso em que se afunda uma cabaça em um recipiente cilíndrico com água. Fico admirada como a cultura de Guiné-Bissau consegue pilar a água e ainda fazer som, constituir dança, produzir conhecimento com a cabeça e com os corpos.

Antes de prosseguir com minhas considerações introdutórias, justifico o uso da primeira pessoa do singular na escrita desta dissertação. Essa escolha se deve ao fato de que o cerne deste trabalho está centrado na questão da memória, especialmente a respeito das memórias africanas que, aqui, são muitas: a memória exposta no tema de estudo que, por sua vez, remete a algumas memórias criadas no continente africano, as quais, pelo menos algumas delas, trago gravadas em minha mente e em meu corpo, sobretudo por eu ter nascido em África. Logo, essa partilha de memórias é impossível de ser separada de mim mesma. Outra justificativa se dá pelo motivo de que as teorias às quais convoco para esta pesquisa, são teorias que levam em conta narrativas locais, como a minha, por exemplo, me dando mais abertura para que eu me posicione em meu texto, diferentemente de outras posições teórico-metodológicas. Trata-se de uma política da crítica biográfica, cuja principal ruptura, de acordo com Edgar César Nolasco, é a “[...] inserção da figura do intelectual no ensaio crítico, a presença mesma de sua persona” (NOLASCO, 2010, p. 35).

¹ A tradução do dito guineense é: “Por mais esperto que você seja, não pode pilar a água”. A língua original é o crioulo (ou kriol), falada por 60% da população de Guiné-Bissau. Trata-se de uma junção entre as línguas originais africanas com o português e o espanhol.

Tendo essa premissa de Nolasco acerca da inscrição das sensibilidades vitais do crítico em seus escritos, este trabalho não é nada mais que o desdobramento de duas etnias que correm em meu corpo e que se estendem para as páginas que se seguem, de um lado; e que volta ao passado longínquo de meus ancestrais, por outro. Essas duas etnias são como rituais que dão cor a minha vida; são danças que existem há milênios e que nunca param, esse rito dançante chamado vida. Para mim e para os meus, a dança sempre teve um lugar muito importante, pois a vida é a dança. Também por isso trouxe algumas manifestações corporais que exibirei no dia da minha defesa. Dentro dessas páginas há alguma coisa de mim mas tem também muito das memórias (que eu tenho) de África.

Quando falo em África, não é intenção minha generalizá-la como um todo, pois se trata de um continente muito grande e repleto de culturas e de costumes distintos dentro de um mesmo país, como acontece em Guiné-Bissau, mas também como ocorre no Brasil. Nesse sentido, Hampaté Bâ vai dizer que: “Quando se fala da ‘tradição africana’, nunca se deve generalizar. Não há uma África, não há um homem africano, não há uma tradição africana válida para todas as regiões e todas as etnias (BÂ, 2003, p. 14). Quando digo África, estou ao mesmo tempo marcando um local de onde vim, de onde nasci, de onde passei a maior parte da minha vida e que me constitui.

Aproveito o espaço da introdução para falar um pouco sobre o porquê de trabalhar com Mia Couto e sobre meu contato com a obra dele. A escolha, de início, não foi minha. Ela surgiu depois de uma conversa com a minha orientadora, Angela Guida, e com a coordenadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens, Elisabeth Marques. Nessa conversa, a minha orientadora me sugeriu trabalhar com a questão ligada à África e citou algumas obras de Mia Couto, entre elas, *A confissão da leoa*.

Depois da reunião, fui para casa e pensei, repensei e cheguei à conclusão de que era pertinente trabalhar com obras do escritor moçambicano, porque ele é um autor que está ajudando expandir a literatura africana para o mundo. Isso não ajuda só Moçambique, mas sim a África em geral, especialmente os países lusófonos.

A escolha por obras de tal autor se deve ao modo de ele escrever e trazer a realidade do povo moçambicano nas suas obras. Diante disso, alguns elementos no livro escolhido para este estudo me fizeram lembrar a cultura do meu país, Guiné-Bissau. Cada vez que leio, mais encantada fico. Sinto-me, de alguma forma,

representada, no Brasil, tão distante da minha terra-mãe, mas de alguma forma próxima.

Mia Couto é um dos grandes nomes da literatura africana de língua portuguesa da contemporaneidade. A sua literatura tem definido o lugar a partir do qual enuncia o próprio escritor: o continente africano. Essa posição que marca o espaço da narrativa (tanto a literária e a da vida do autor quanto a minha) guarda consigo memórias ancestrais sobre o povo que vive em África, como é o caso do romance *A confissão da leoa*.

A primeira vez em que ouvi falar de Mia Couto, como algumas pessoas, pensei que se tratasse de uma mulher por causa do nome, mas me enganei. Na época de graduação, uma colega estava lendo *O fio das missangas*. Ela me mostrou o livro e achei muito interessante o modo com o qual Mia Couto escreve as suas narrativas. Essa colega me informou que a narrativa era de origem africana, assim como eu, e isso me deixou curiosa. Ao chegar em casa procurei, na internet, elementos para saber mais a respeito daquele que eu julgava ser uma escritora e logo apareceu a imagem de um homem. Para ter certeza, coloquei o nome dele pela segunda vez e apareceu a imagem do mesmo sujeito que havia aparecido na busca anterior. Mia Couto, para mim, de início, se deu como mulher. Qual o problema, não é? Afinal, “Deus também já foi mulher. Antes de se exilar para longe da sua criação e quando ainda não se chamava Nungu, o atual Senhor do Universo parecia-se com todas as mães deste mundo” (COUTO, 2012, p. 13).

O papel da mulher, como se verá nesta dissertação, é essencial na constituição da memória coletiva africana, especialmente porque a tradição oral ou confessional é mais dedicada ao feminino do que o masculino. Assim, as mulheres ajudam a consolidar suas tradições por meio da oralidade, que está expressa em contos e cantos, repassados para as gerações que vão seguindo.

Em Guiné-Bissau as mulheres ainda não têm igualdade perante os homens. Lá, por exemplo, algumas atividades simples e básicas são feitas exclusivamente por indivíduos do sexo masculino, como, por exemplo, discutir política em casa com visitas, sendo sempre homens. Ficamos, as mulheres, sempre de fora, incumbidas apenas de aparecer na sala em que se reúnem os homens apenas para levar ou buscar alguma coisa. Em *A confissão da leoa*, por exemplo, Genito Mpepe, usa a violência contra a mulher e a filha. Estas tentam sobreviver como leoas.

Não é por conta dessa diferença imposta pelos homens que as mulheres guineenses deixam de participar da memória coletiva de seu povo. Muito pelo contrário, elas são muito ativas quanto a esse respeito, pois aproveitam o tempo com os filhos para lhes cantarem ou contarem histórias e tradições africanas que ouviram de suas mães e avós.

Por isso a fala é um instrumento tão importante para a mulher, uma vez que é uma arma para a sua libertação e para a manutenção da cultura popular, das histórias que se contam à noite, dos costumes que estão se perdendo, das lendas que assustam e que fascinam. A mulher e a tradição oral estão atadas por um fio poderoso que mantém viva a história de Guiné-Bissau.

Dessa forma, a mulher pode ser vista como aquele fio de missanga do qual fala Mia Couto, o qual costura o tempo, isto é, essa memória que as mulheres têm preservado: “A missanga, todas a veem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas. Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo” (COUTO, 2003, p. 9). A voz do poeta é também a voz da mulher africana, porque a voz do poeta é sensível às narrativas das mulheres africanas.

A confissão da leoa é um romance que narra, entre outras coisas, as condições de vida das mulheres e sobre ataques de leões em uma vila – Kulumani, afastada da cidade –, no norte de Moçambique. Nessa vila, leões matam várias pessoas, principalmente as mulheres de Kulumani. O romance tem 16 capítulos e dois narradores: a voz de Mariamar; a voz de Arcanjo Baleiro, conferindo dois pontos de vista sobre a memória narrada acerca do ataque dos leões.

Diante disso, há duas percepções diferentes para o ataque dos leões em uma vila africana. Há duas personagens que contam a história de acordo com as suas vivências (e ausências) do lugar onde moram. Portanto, as noções de tempo e de memória são diversas para os dois. De um lado, existe o caçador, Arcanjo, que já havia morado na vila e só volta depois para caçar os leões; do outro, há a mulher, Mariamar, que presencia os ataques das feras. Assim, *A confissão da leoa* traz questões de conflitos na aldeia, medo, mitos e colonialismo feminino.

Essa diferenciação de gênero sexual não é aleatória, pois cada narrador vai se manifestar de uma forma diferente. As marcações que Mia Couto usa para atribuir a fala de uma e outra personagem são: “Versão de Mariamar” para a mulher e “Diário do caçador” para o homem.

Essas marcações são mais precisas no que diz respeito à narração do homem, pois ele narra a partir de um diário. O suporte que Mariamar usa para contar não é tão preciso, é só mais uma entre tantas versões. Há, nesse sentido, uma escolha que remete à rememoração por meio da palavra escrita, e um contraponto com a palavra escrita mais voltada para histórias e costumes da tradição oralizada.

Essa dupla perspectiva narrativa também evidencia dois pontos de vista muito distintos, como já assinalei. Cada uma das óticas parte de um lugar diferente. Mariamar, por exemplo, conta a história a partir de suas vivências dentro da própria vila, de onde nunca saiu. Por esse motivo, Mariamar fala sob a ótica de uma perspectiva local.

Já Arcanjo é um homem que tem contato com a cidade, com outros meios sociais e culturais mais comuns do ocidente. Essa relação que tem com o colonialismo confere uma perspectiva bem diferente da de Mariamar. O olhar desta é muito mais localista, enquanto o daquele já é mestiçado com a lógica moderna do colonialismo e do ocidentalismo.

Narrativas ficcionais locais, ótica diversificada surgida a partir da África e memórias africanas são bases para sustentar que não há apenas uma história que funde toda a África. A palestra intitulada “O perigo da história única”, da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, proferida por meio do TED (acrônimo de Technology, Entertainment, Design) e amplamente disseminada na internet², mostra que não há uma só história, como quer a visão branca e elitizada, mas há muito o que se contar para constituir não uma, mas muitas histórias sobre um continente, um país, um acontecimento ou uma pessoa. A fala da autora nigeriana é uma forma de olhar com mais atenção e pluralidade para aquilo que tendemos a considerar como tendo uma única versão: a história.

Conforme dito antes, este trabalho não tem apenas o objetivo de fazer uma leitura crítica de um romance africano, mas de colocar as memórias de minha África como uma história outra de meu país, porque, como diz Adichie: “Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história, sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso” (ADICHIE, 2012, s/p.).

² Link do vídeo alocado na plataforma YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>.

No que diz respeito à estrutura, esta dissertação se divide em três histórias. Na primeira história busco discutir a questão da memória como um elemento cultural, aliada à tradição oral, assim como algumas questões em torno do arquivo africano e de minhas sensibilidades locais. Na segunda história, dedico-me, de forma mais pontual, a discutir as alteridades e identidades femininas, sobretudo da mulher africana, lugar de onde meu bios grita. Na terceira história, dedico-me a pensar uma amizade literária entre escritores africanos e mim mesma: Mia Couto e Paulina Chiziane (ambos de Moçambique) e Odete Semedo (de meu país, Guiné-Bissau).

Para dialogar comigo nesta roda de conversa ao redor de histórias de África, convidei Hugo Achugar (2006), Jacques Derrida (2001), Adriana Cornel Lopes do Amaral (2000), Walter Mignolo (2003), Eneida Maria de Souza (2002), Edgar Cesar Nolasco (2013), entre outros companheiros e companheiras de estrada teórica. Desse modo, há o estabelecimento de um contínuo laço entre minhas histórias africanas e as leituras da obra de Mia Couto. Espero um dia conhecê-lo pessoalmente e poder, futuramente, relacionar a obra dele com a obra de um escritor guineense, a fim de estabelecer relações entre um e outro, pois, por ora, isso se dará apenas na terceira história desta narrativa. Pensando bem, depois que conheci Paulina Chiziane, talvez fosse mais interessante trazer essa moçambicana de fibra e de palavra para conversar com Odete Semedo. Não sei... por ora são elucubrações de uma mestrandia... Quem sabe não seja uma promessa de doutorado... quem sabe..

Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. 1ª ed. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond. Obra poética [Poesia completa]. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2007.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejam todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Chimamanda Ngozi Adichie: Não silencie essa voz. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-ngozi-adichie-nao-silencie-essa-voz/>>. Acesso em 20 de junho de 2019.

AGAMBEN, Giorgio. O amigo. In: _____. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AMARAL, Adriana Corner Lopes do. Sobre a memória em Jacques Derrida. In: NASCIMENTO, Evando; GLENADEL, Paula (Orgs.). *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: 7letras, 2000.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: *Revista Estudos feministas*. Tradução de Édna de Marco. n. 8. 229-236, 2000. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em 10 de março de 2019.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. In: ARISTÓTELES. *Os pensadores*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África, Volume I: Metodologia e pré-história da África*. 2ª edição revisada. Brasília: UNESCO, 2010.

_____. *Amkoullel, o Menino Fula*. Tradução Xina Smith, São Paulo, Editora Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

CALADO, Karina de Almeida; FONSECA, Maria Nazareth Soares. Identidade, subjetividade e nação guineense na poesia de Odete Semedo. In: *Grau Zero: revista de crítica cultural*. v. 1. n.1. 2013. p. 145-160.

CAMPOS, Priscila da Silva. Mia Couto: A confissão da leoa ou das leoas? Eis a questão. In: *Revista Graphos*. v. 16. n. 1. 2014. Disponível em <periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/20340>. Acesso em 01 de julho de 2018. p. 159-169.

CHEVALIER; Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Tradução de Vera da Costa e Silva ... [et al.]. 30ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

CHIZIANE, Paulina. *Niketché: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Eu, mulher: por uma nova visão do mundo. In: AFONSO, Ana Elisa de S (Org.). *Eu mulher em Moçambique*. Comissão Nacional para a UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicano: Maputo, 1994. pp. 11-18.

_____. A escrita sagrada da romancista moçambicana Paulina Chiziane. Entrevista concedida ao Brasil de fato. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2016/09/21/a-escrita-sagrada-da-romancista-mocambicana-paulina-chiziane/>>. Acesso em 10 de março de 2019.

CORACINI, Maria José. Memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobrevivência. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica*. v. 2. n. 4. Campo Grande: Editora UFMS, 2010.

COUTO, Mia. *Venenos de Deus, remédios do Diabo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *A confissão da leoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. No livro “A confissão da leoa” Mia Couto retrata o drama das mulheres rurais de Moçambique. Entrevistadora: Letícia Mendes. Disponível em <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2012/11/05/no-livro-a-confissao-da-leoa-mia-couto-retrata-o-drama-das-mulheres-rurais-de-mocambique.htm>>. [2012]. Acesso em 17 de set. de 2018.

_____. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze. Disponível em <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em 20 de junho de 2018.

DERRIDA, Jacques. *Políticas da amizade*. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Ed. Campo das Letras, 2003.

_____. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA; Jacques. ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã...* Diálogo. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FREJAT. Homem não chora. Disponível em <<https://www.letras.com.br/frejat/homem-nao-chora>>. Acesso em 20 de junho de 2019.

GUIDA, Angela. MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: uma via de mão dupla. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: memória cultural. v. 5. n. 10. Campo Grande: UFMS, 2013. p. 09-22.

GUIDA, Angela; OLIVEIRA, Raysa. Políticas da literatura de testemunho. In: *Outra travessia*. n. 23. Florianópolis: Editora Ufsc, 2017.

HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. In: In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Barreto (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCSRS, 2006. p. 89-103.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAMES, George. *Stolen Legacy: The Egyptian Origins of Western Philosophy*. Trenton, NJ: Africa World Press, 1954.

JARDIM, Gabriel de Sena; CAVAS, Cláudio de São Thiago. Pós-colonialismo e feminismo decolonial: caminhos para uma compreensão anti-essencialista do mundo. In: PONTO E VÍRGULA. n. 22, 2017. p. 73-91.

LUGONES, María. Colonialidad u género: hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO et al. *Género y descolonialidad*. 2ª ed. Buenos Aires: Del Signo, 2014.

MBEMBE, Achille. Achille Mbembe “Por que julgamos que a diferença seja um problema?”. Entrevista publicada no sítio Goethe Institut Brasilien. Disponível em <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20885952.html>>. Acesso em 20 de junho de 2019.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

NASCIMENTO, Evando. Sentido e disseminação. In: *Derrida e a literatura*. 2ª ed. Niterói: Eduff, 2001.

NOLASCO, Edgar. Políticas da crítica biográfica. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: crítica biográfica. Campo Grande: Editora UFMS, 2010.

_____. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Paulo: Pedro e João Editores, 2013.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1999.

RAGO, Margareth. O corpo exótico, espetáculo da diferença. In: *Lybris: estudos feministas*. Disponível em <lybris.com.br>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

RIBEIRO, Djamila. Coordenada por Djamila Ribeiro, coleção Feminismos Plurais é a novidade do Justificando. Disponível em <<http://www.justificando.com/2017/08/28/coordenada-por-djamila-ribeiro-colecao-feminismos-plurais-e-novidade-do-justificando/>>. Acesso em 20 de junho de 2019.

SEBE, José Carlos. Memória, História Oral e Diferenças | José Carlos Sebe Bom Meihy | Sesc Memórias. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM>>. Acesso em 10 de mar. de 2018.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares *As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*. 451 f. Belo Horizonte, 2010. 451f.

_____. *No Fundo do Canto*. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

_____. “Medo da cota é o medo das potencialidades das mulheres”. Entrevista concedida a Magali Moser. 2017. Disponível em <<https://catarinas.info/maria-odete-semedo-medo-da-cota-e-o-medo-das-potencialidades-das-mulheres/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

SHIPPER, Mineke. Literatura oral e oralidade escrita. QUEIROZ, Sônia (Org.). *A tradição oral*. Tradução de Ana Elisa Ribeiro, Fernanda Mourão e Sônia Queiroz Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006. p. 13-26.

SILIGMANN-SILVA, Márcio. Globalização, tradução e memória. In: _____. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005. p. 205-213.

SILVA, Jadson Teles. Acerca das noções de amizade e amor: contraste entre Aristóteles e Kierkegaard. Disponível em <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/jadsonsilva_3.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2019.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Apresentação. In: *Síntese da coleção História Geral da África*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2013.

SOARES, Elza. Lata d'água. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/elza-soares/775314/>>. Acesso em 20 de junho de 2019.